



## LÍNGUA DE SINAIS: QUEM ESTÁ FALANDO?<sup>1</sup>

Manoelisa Goebel<sup>2</sup> André Souza Lemos<sup>3</sup>. UNIJUÍ

**INTRODUÇÃO:** Hoje, nesta sociedade do conhecimento e da informação, onde a inclusão social e educacional toma corpo gradativamente, neste mundo globalizado e permeado pelo ciberespaço<sup>4</sup> em que vivemos, onde as fronteiras terrestres já não mais são o limite e a tecnologia desenvolve-se a passos largos, o homem continua sua busca por pertencimento, agora a esta sociedade informacional que se constitui fortemente. No entanto, existem ainda aqueles que continuam sem espaços definidos, não pertencem ao todo, somente a uma parte, e seu desenvolvimento ainda não flui como os demais. E no meio de todos estes acontecimentos, encontramos uma comunidade, com uma língua e escrita ainda em fase de desenvolvimento e conquistas, que é a língua de sinais e seus usuários, nativos ou não.

**MATERIAL E MÉTODOS:** Vários são os estudos que procuram desmistificar e quebrar o paradigma da “deficiência”, procurando trazer a concepção de respeito a uma diferença lingüística. Não há como precisar o nascimento desta modalidade não verbal de linguagem, na qual muitos surdos se constituem. Na verdade, ela sempre existiu, no entanto, em virtude do não reconhecimento enquanto língua, somente a partir do momento em que estudiosos não surdos (ouvintes) passaram a se interessar é que iniciou uma certa credibilidade no seu status de língua.

**DISCUSSÕES:** Por muito tempo, estes seres tidos como “deficientes” em virtude de não utilizarem o som para o suporte das informações e conseqüentemente a comunicação, foram excluídos do processo evolutivo que permeia o viver do ser humano. E sendo assim, foi em guetos, em locais às escondidas, como nos porões de algum lugar, que a língua de sinais tinha seu tempo e seu espaço, ali ela era real e suporte para o conhecimento fluir. As aprendizagens desta “minoría” lingüística, por muito tempo não aconteceram ou parcialmente foram compreendidas, em virtude do método de ensino fazer uma relação entre o som e o signo lingüístico, ou seja, baseada na imitação, pois a língua oral era sem sentido e artificial na maioria das vezes. De momentos como estes e ainda de todo um discurso construído e culturalmente transmitido por várias gerações, no qual naturalmente a exclusão é tida como o local daqueles que não estão em conformidade com o que é considerado “normal” e “correto” é que hoje se percebe uma angustiante busca por parte da comunidade surda para que todos possam se constituírem e se desenvolverem igualmente aos demais. Um sujeito constitui-se através da linguagem na qual é submetido, sendo assim as representações que a partir do seu viver são possibilitadas estão enraizadas na língua que foi inserido, e isto é possibilitado quando em contato com aqueles que a utilizam, sejam pais, escola, grupo de amigos, a sociedade. No caso de crianças surdas, a constituição subjetiva destes seres dependerá muito da aceitação da sua diferença e conseqüentemente a aceitação desta forma de comunicação, na qual o som não tem poder. Então, se caso, nem a família e posteriormente, nem a escola aceitarem, que sujeito irá constituir-se ali? O viver da língua e do sujeito na qual está inserido dependerá muito sob qual signo ela foi construída e transmitida. Hoje, nesta dialógica luta entre inclusão ou não do surdo, ou sua educação via escolas especiais existem vários outros fatores que influenciam a construção e evolução de todo o modo de viver destes e

<sup>1</sup> Projeto da Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências - UNIJUÍ

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* Educação nas Ciências - UNIJUÍ

<sup>3</sup> Orientador - Professor Dr. do Departamento de Tecnologia -DeTec e Prof. do Curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* Educação nas Ciências - UNIJUÍ

<sup>4</sup> Novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LEVY, 1999, p.32)



conseqüentemente sua língua e escrita. Percebe-se uma rede difusa e intrincada de relações, de saberes que permeiam o grupo na qual esta língua se constrói e para aqueles que desejam pertencer a este viver, adequar-se as condições estabelecidas é a forma encontrada. São os profissionais que atuam, como professores, fonoaudiólogos, assistentes sociais, bem como, familiares, que recebem as representações já prontas. São os intérpretes de língua de sinais, que em virtude da busca pelo surdo, de profissionais capazes de atuar eticamente, são constantemente pressionados pela necessidade de estarem em conformidade com os padrões estabelecidos. CONCLUSÕES: Assim, pode-se ter então, aqueles que irão optar pela via da patologia, tendo a língua de sinais e o surdo como doentes e assim toda uma estrutura na qual o viver será estruturado, assim como aqueles que irão pela via de um outro discurso, onde os outros “eus” são considerados, possibilitando formas outras de perceber o mundo e conseqüentemente, fora da concepção normal adotada. E aí pergunto: quem realmente está falando nesta língua? Sob qual signo ela está sendo construída e difundida a língua de sinais?